

Os parentes também têm importância na formação

Marcello Sigwalt
Da equipe do Correio

Amor, raiva ou agressividade são características básicas do ser humano que devem estar em equilíbrio. A falta de harmonia entre elas pode ser o princípio de um processo depressivo. Essa é uma das conclusões do professor de Psiquiatria e Neurologia da UFMG José Raimundo Lippi, conferencista do I Encontro sobre Saúde e Desenvolvimento da Criança (I Sadec), no auditório do Hospital Materno-Infantil de Brasília (Hmib).

Em sua análise sobre o tema "Depressão na Infância", Lippi reduz a influência da mãe na formação da personalidade do filho. Segundo ele, o papel dos parentes e das primeiras relações da criança também é decisivo. O professor entende que o desenvolvimento da capacidade de amar deve ser, necessariamente, acompanhado pela capacidade de sentir raiva e de ser agressivo. Só que estas últimas têm de ser canalizadas em ações construtivas, em busca da felicidade do indivíduo.

A repressão ao tripé que forma a base psicológica da criança pode representar o princípio de um processo depressivo. "Se tentarmos esconder a raiva, ela será liberada em algum momento. Não adianta reprimir", avalia Lippi. Ele lembra que a recuperação de uma pessoa que não recebeu amor, como um menor infrator, é bem mais difícil. "Como ele (menor delinquente) pode amar alguém, se nunca foi amado?", avalia.

"Quando assaltam, os menores infratores vêem a vítima como um objeto, um pedaço de pau. Se ela reagir e não der o que querem, eles matam sem culpa ou piedade. Simplesmente não conhecem o sentimento amor", diz Lippi. Mas ressalta: "Não é todo aquele que não é amado que se tornará delinquente".

Choro compulsivo, resistência para comer e inquietação são manifestações que podem, ou não, significar um estado de depressão na criança, analisa o professor. Para ele, existem três dimensões da depressão: A biológica, a psicológica e a sociológica.

Na vertente biológica, a depressão pode ser expressa por meio de sonolência, pesadelos, sonambulismo, assim como na obesidade, emagrecimento ou dificuldade de cumprir uma dieta. Neste item, o cansaço fácil e incapacidade de concentração são outros indícios.

No plano psicológico, Lippi aponta como exemplos a postura corporal, semblante triste, baixa auto-estima, culpa, auto-depreciação, predisposição mórbida (interesse em falar da morte) e fobias de suicídio. Na área sociológica, Lippi destaca a inatividade, dificuldade motora, comportamento anti-social, falta de esperança e humor rebaixado.

Mesmo isentando os pais da culpa por rejeitarem alguma característica do filho (idealização), Lippi entende que cabe a eles dar a base para a formação psíquica da criança. "Além de ser amada, a criança precisa desenvolver a capacidade de defender seus direitos. Isto também é muito importante", comenta.

O medo da mãe de falar a verdade é combatido por Lippi. "Ela (mãe) deve entender que está amando, quando estabelece limites", diz. Para ele, liberdade e limites não são contraditórios, mas se completam.

O professor da UFMG desenvolveu, há dez anos, um trabalho pioneiro em Belo Horizonte. É o Bebê & Companhia, pelo qual adolescentes voluntários cuidam de recém-nascidos ou crianças pequenas carentes. Lippi diz não ter sido procurado por qualquer instituição, no DF, para adotar o programa.



Os pacientes que necessitam de atendimento imediato às vezes aguardam várias horas nos corredores, enquanto que muitas pessoas poderiam procurar centros de saúde próximos a suas casas

Esticadores de fila hospitalar

Casos sem gravidade congestionam as áreas de emergência dos hospitais públicos do Distrito Federal e prejudicam as urgências

Marcello Xavier
Da equipe do Correio

O cartaz na entrada da ala de emergência do Hospital Regional de Ceilândia (HRC) informa aos usuários: "No pronto-socorro, a prioridade é para atendimento de emergência. Antes de vir ao pronto-socorro, procure o Saúde em Casa ou o centro de saúde mais próximo de sua residência." Mas parece que a população ou não sabe ler ou simplesmente ignora a orientação. Muitos procuram a emergência para resolver problemas nem tão graves assim, como uma unha encravada. Resultado: filas e horas de espera para ser atendido.

É o caso de Rozineide de Oliveira, 17 anos, que estava com a unha do dedão do pé esquerdo inflamada. Ela sequer procurou o centro de saúde próximo de sua casa, na QNO 4, em Ceilândia. Preferiu enfrentar

fila na emergência do HRC. "No centro de saúde, é pior. Marco consulta num dia para ser atendida na próxima semana", reclama a cunhada da estudante Nelma dos Santos, 21 anos. Nelma estava no HRC para tratar de uma dor de garganta e febre.

O vai e vem de pessoas no pronto-socorro do HRC é uma constante. As filas dão voltas no salão de espera. Por dia, segundo a direção, são atendidos quase mil pacientes nas clínicas médica, pediátrica, ginecológica, obstétrica e cirúrgica — especialidades disponíveis na ala de emergência do hospital.

"Muitos dos casos que passam por aqui não são de emergência", comenta a psicóloga Maria da Conceição Veloso, que trabalha no Serviço de Orientação ao Usuário (SOU) do HRC. O SOU encaminha os pacientes para as clínicas médicas que sejam mais adequadas às suas respectivas necessidades. Em

casos semelhantes aos de Rozineide e Nelma, os doentes são atendidos pelo médico e encaminhados aos centros de saúde para marcação de consulta ambulatorial.

O diretor do HRC, Marcelo Pereira de Souza, justifica a demora no atendimento atribuindo-a à grande demanda de pessoas vindas de outras cidades do Distrito Federal, do Entorno e até mesmo de outros estados. Ele estima que cerca de 30% a 40% dos pacientes atendidos no pronto-socorro não são de Ceilândia. "Se o HRC atendesse apenas a população local, a qualidade no atendimento melhoraria", opina.

A falta de médicos também contribui para a demora no atendimento. Sem a realização de concursos públicos para a contratação de novos profissionais e com a aposentadoria dos atuais, o quadro só diminui. "A saúde no DF depende do Governo Federal", lembra o diretor do HRC, Marcelo Pereira.

RECLAMAÇÕES

"Se chegar um caso mais grave, como uma fratura exposta, os médicos da área de ortopedia terão que parar o atendimento geral à po-

pulação. Isso vai provocar atrasos e reclamações dos pacientes de casos menos graves, que ficarão esperando no pronto-socorro", comenta o diretor do Hospital Regional de Taguatinga (HRT), Ivan Castelli.

A situação na ala de emergência do HRT não é diferente da do hospital regional em Ceilândia. As filas também se arrastam porta a fora, até o estacionamento. O pronto-socorro recebe uma média de 900 pacientes por dia e a ortopedia é a clínica médica mais procurada, com cerca de 200 atendimentos diários. "É muito difícil fazer um gerenciamento do atendimento emergencial. É muito imprevisível", diz Ivan Castelli.

"Cheguei às duas horas da madrugada e até agora (às 9h da manhã) não fui atendido", reclama o motorista Francisco Matos, 38 anos. Com dores no estômago, Francisco saiu de Samambaia para ser atendido no HRT. Ele denuncia que a ficha médica que fez de madrugada foi perdida. Por isso, precisou enfrentar nova fila para fazer outra, no começo da manhã. "A demora nesse hospital é uma constante."

O diretor do HRT também aponta a sobrecarga no atendimento como principal problema. Segundo

ele, grande parte dos pacientes vêm de cidades vizinhas, como Ceilândia, Samambaia e Recanto das Emas. "Temos uma expectativa de atendimento, mas há surpresas no dia-a-dia", diz. Ivan Castelli comenta que muitos desses pacientes não necessitam de atendimento emergencial — apenas 3% são internados.

A demora no atendimento emergencial resulta em má imagem para o hospital como um todo. Ivan Castelli acha que a situação do pronto-socorro em nada reflete a realidade do HRT. Segundo afirma, a satisfação da população quanto à área de internação é de quase 100%. "Sabe por que o Hospital de Apoio tem satisfação 100%? Porque não tem emergência", compara.

Ivan Castelli diz que essa imagem negativa é possível de ser mudada. Ele defende uma alteração no gerenciamento do pronto-socorro, assim como ocorreu recentemente com o ambulatório do HRT. "Readequamos o atendimento ambulatorial. Isso contribui para a satisfação dos profissionais e pacientes." Nos planos do diretor, a ampliação do pronto-socorro visa dar mais comodidade aos pacientes.

Mesmo isentando os pais da culpa por rejeitarem alguma característica do filho (idealização), Lippi entende que cabe a eles dar a base para a formação psíquica da criança. "Além de ser amada, a criança precisa desenvolver a capacidade de defender seus direitos. Isto também é muito importante", comenta.

O medo da mãe de falar a verdade é combatido por Lippi. "Ela (mãe) deve entender que está amando, quando estabelece limites", diz. Para ele, liberdade e limites não são contraditórios, mas se completam.

O professor da UFMG desenvolveu, há dez anos, um trabalho pioneiro em Belo Horizonte. É o Bebê & Companhia, pelo qual adolescentes voluntários cuidam de recém-nascidos ou crianças pequenas carentes. Lippi diz não ter sido procurado por qualquer instituição, no DF, para adotar o programa.